

"A televisão que faz mal aos adultos", copyright *O Estado de S. Paulo*, 4/05/03

Luiz Carlos Merten

"Há um debate que não quer calar. Diz respeito à influência nociva da TV na vida das crianças. É um fato que a televisão continua sendo a babá eletrônica da imensa maioria das crianças brasileiras. Com o aumento de aparelhos nas classes C e D, não é difícil adivinhar que, enquanto os adultos das chamadas 'camadas pouco favorecidas da população' batalham em busca do pão nosso de cada dia, seus filhos postam-se diante da TV, que passa a ser, para muitos, a grande, senão única, opção de lazer.

A TV causa estragos às crianças. Possui virtudes positivas, mas as negativas se referem desde a estragos comportamentais quanto a outros, de natureza mais física. A passividade da criança diante da TV favorece a obesidade, pode levar a disfunções motoras. Tudo isso é certo e há cada vez mais pais, educadores, juizes e ONGs que se dedicam à defesa de crianças preocupados com o assunto. O problema é sério. Preocupemo-nos com as crianças, mas preocupemo-nos também com seus pais. Ou devemos partir do pressuposto de que os adultos são casos perdidos, que a TV já completou neles seu ciclo de estragos?

Não se trata de pedir censura na TV, mas não vamos ser cínicos de achar que não há uma censura já em vigor. Chama-se dinheiro. Money, tutu, dêem o nome que quiserem. No mundo globalizado, a liberdade virou uma calça azul e desbotada. A única liberdade é de escolha, mas, claro, essa escolha é induzida pela publicidade. Vive-se hoje uma ditadura da audiência, embora seja difícil definir, desde o advento da TV, quando ela não esteve em vigor.

O lixo televisivo está no ar porque dá audiência e aumenta a audiência porque não sai do ar. Temos aqui um belo paradoxo.

No ano passado, Cidade de Deus bateu recordes de público nos cinemas e um derivado do filme de Fernando Meirelles, a série Cidade dos Homens, não apenas teve ótima audiência na Globo, como ganhou o grande prêmio de televisão atribuído pelos associados da APCA, a Associação Paulista dos Críticos de Artes. Em princípio, seria o tipo de programa que o público não quer ver. Pela lógica das emissoras, o público quer ver Ratinho (ainda!), Sérgio Mallandro, João Kleber. Não são programas para crianças, mas aos quais as crianças terminam tendo acesso pelos fatores que todo mundo está cansado de saber. Não pense agora nas crianças. Pense, por um momento, nos adultos. Teoricamente, eles têm a mente formada, possuem discernimento e, pombas!, são maiores de idade, eleitores (presumivelmente), devem saber escolher o que querem.

Pense nesses adultos. O que eles, nem são mais as crianças, têm a aprender com esses programas? A exploração da miséria humana é neles uma constante.

Estimulam todo tipo de preconceito. Os piores são sempre quanto à orientação sexual e você sabe do que estamos falando. Com o preconceito, indesligável dele, está a pornografia, já que esses programas todos vivem de subentendidos e analogias de quem só pensa naquilo. Ratinho deve ser recordista em matéria de infringir direitos humanos, mas ele posa com cara de santo, como se fosse o arrimo dos pobres, o salvador dos desvalidos. Se alguém se salva deve ser ele, cuja conta bancária aumenta na proporção em que baixa o nível de seu programa.

Qual é a solução, nesse processo? Defender o politicamente correto, como fazem os americanos? Não dá certo. Nosso sincretismo cultural é oposto ao calvinismo deles, que também está diminuindo. Vamos ser francos: pode-se falar mal de tudo. O lixo eletrônico parece inesgotável. Telenovelas - todo mundo vive reclamando delas -, Big Brother Brasil, esses programas que exploram conflitos pessoais. Não é um fenômeno brasileiro. Nos EUA, na Europa está ocorrendo a mesma coisa. É modelo global. Você leu global? Sim, tem a ver com esse mundo globalizado e o modelo consumista sobre o qual ele se assenta. George W. Bush disse num discurso que era preciso fazer guerra ao terror porque ele cria inquietação, promove a insegurança e isso reduz o consumo. É complicado mudar tudo isso, mas de alguma forma é preciso começar. Você está preocupado com o que seus filhos estão consumindo? Faz muito bem. É preciso uma ação política integrada entre Estado e sociedade civil para forçar as redes a encararem sua responsabilidade. Na verdade, é preciso cidadania. Tudo pode começar daí. Sem cidadania, não há solução."

MERTEN, Luiz Carlos. **A televisão que faz mal aos adultos**. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp07052003991.htm>>. Acesso em 19 out. 2005.